



125
Ano XLI • Número 1348 • De 1 a 14 de junho de 2022 • Portugal (Cont.) €3,40 • Quinzenário • Diretor José Carlos de Vasconcelos

JOSÉ CARLOS BARROS Portugal, do Império à ruralidade
Entrevista com o vencedor do Prémio Leya. A crítica de Agripina C. Vieira PÁGINAS 12 E 13

JORNAL
DE LETRAS,
ARTES E
IDEIAS

JL

**Pedro Costa, Rui Chafes
e Paulo Nozolino no Pompidou**

Notícia e texto de Rui Nunes PÁGINAS 22 E 23

**No centenário de Gonçalo
Ribeiro Telles**

Texto de Viriato Soromenho-Marques PÁGINA 27

BALLET GULBENKIAN
O filme da (sua) história

Num documentário, de

Manuel João Gomes

A conspiração da noite

ANTÓNIO CÂNDIDO FRANCO

Manuel João Gomes (1948–2007) foi um filho dileto da vida – se é que pode haver privilégio numa coisa tão indecisa e cega como viver. Haja quem lhe faça o horóscopo e nele descobrirá com certeza uma estrela doce, gentil, azul e sobre o mais afortunada. Seminarista na tenra idade por terras beirãs, veio por volta dos 20 anos com o seu latim de seleta para Lisboa, onde ficou na Rua da Misericórdia, em casa de Luíza Neto Jorge, em absoluta clandestinidade, já que estava em incumprimento militar – recusara a incorporação e a balística da fatalidade.

Mais tarde, Vitor Silva Tavares, que o conheceu nessa altura nas leitarias do Calhariz, dirá dele na revista *Flauta de Luz* (n. 2, 2014) que viveu em céu limpo e sereno, sem pressas nem ansiedades, que são sinais de trovoada rija, a “200 metros da sede da PIDE”. De farta cabeleira arcangélica, passeava de mão dada com Luíza pelo empedrado da praça de Luís de Camões, arribava às mesas do Café A Brasileira, dava uns dedos de conversa encostado ao pedestal da estátua do poeta Chiado e desandava para o recanto do seu co-curuto da Rua da Misericórdia, onde a convite do amigo Vitor escrevia os linguados que por então publicava e com o seu nome assinava no su-



Manuel João Gomes “Sempre vigilante, a manobrar na margem os espelhos mágicos”

plemento literário do velho *Diário de Lisboa*, no novíssimo magazine *& etc* do *Jornal do Fundão* e depois na folheta do mesmo nome, aqui já também a coberto do pseudónimo Benedita Nunes.

Foi nesta fase que apareceu com a cabeleira a esvoçar em palco, no Grupo de Teatro de Campolide, a protagonizar uma peça de Agustin Cuzzani, estreia de Joaquim Benite na encenação. Com tanto braço aberto, tanta efusão de palma

sonora, tanto nome em caixa alta no jornal, nenhuma autoridade deu por nada e ele, o refratário, continuou nas calmas a viver a poucos metros dos serviços centrais da polícia política. Os anjos são invisíveis e só muito rogados se fazem presentes, para logo depois se retirarem num pudor todo de éter. Este ex-seminarista era um serafim que tinha por destino passar pela vida invisível sempre que esta assim exigia.

Publicou quatro livros – *Almanaque fantástico, cómico, científico* (1976), *Almanaque dos espelhos* (1980), *Os segredos da Jacinta* (1982), *Brinquedo eletrónico essencial* (1985) –, fez muitas traduções (André Breton, Lewis Carroll, Horace Walpole, Ann Radcliffe, Sade, Mérimée, Jarry...), descobriu e reeditou um autor português esquecido, Álvaro do Carvalho, que teve depois boa fortuna editorial, e deu muito linguado crítico aos jornais, incluindo neste JL em que ora se dá a ler esta notinha em memória sua, e que foi o que lhe valeu no final da vida, ele que não tinha qualquer regalia social e ganhava a bem dizer a peça, para que o Ministério da Cultura se lembrasse dele como primeiro crítico teatral do tempo e lhe cobrisse os gastos do internamento. O autor do *Almanaque dos Espelhos* partiu cedo e até nisso foi sortudo, já

que parece mais fácil morrer jovem e ignorante, antes da vida colar raiz, do que idoso e consciente do muito que se somou e se vai perder.

A editora Companhia das Ilhas acaba de editar um 1º volume das *Obras* de Manuel João Gomes (pref. Jorge Pereirinha Pires; nota bibliográfica: Carlos Alberto Machado), reunindo três livros seus (1980; 1982; 1985), deixando para um 2º volume a sua estreia e para um 3º os muitos prefácios que juntou às obras que traduziu e organizou e os dispersos que foi deixando pelos jornais e que estão longe de se reduzir apenas à crítica teatral, embora esta tenha sido para ele uma vocação, um risco e um desafio, já que a escreveu da margem e como quem faz um voto solene para a vida. Quem se estreou a escrever sobre encenações – primeiro Kafka e depois Ionesco – e fechou a falar de teatro não pode senão ter acertado com o caminho.

Indiferente a géneros, modas e espartilhos, os três livros agora reeditados são ainda três marcos deste itinerário que se faz a pé, como convém quando tudo evolui ao ar livre sem apertos. Assim se diz, porque os processos da sua poesia – e por poesia se entende aqui não o verso comedido, mas aquele sem fronteiras – são ainda dramá-

ticos e teatrais. No seu *Almanaque dos Espelhos*, que tem por rendado subtítulo umas “variações narcísicas sobre temas de Ovídio, Hoffmann, Chamisso, Ricardo Reis, Lewis Carroll, Álvaro de Campos, Nerval, Wenceslau de Moraes, Borges e Maupassant”, o que lá temos são “vozes” – umas paródicas como as de Reis e Campos, outras humoradas como as de Pessanha e Carroll e outras soberanas como a de Nerval.

Em *Os segredos da Jacinta*, talvez o acume desta criação (embora a sua diversidade não permita encará-la em progressão linear), há todo um processo de desdobramento infinito, que começa na carta inicial a Vitor Silva Tavares, e se desenvolve no diário de Jacinta (4-2-1917 a 26-9-1917) e nas três garrafas encontradas em gruta da ilha da Berlenga com os segredos daquela.

Por fim, o derradeiro livro pode ser visto como um longo monólogo interior de entretenimento, que esconde por trás de processos lúdicos verbais (neologismos, efeitos verbais visuais, *non sense*) um explosivo e arrasador preparado satírico.

A APONTAR UM PROCESSO DOMINANTE nestes livros, não se hesita em escolher a paródia verbal. É esta uma duplicação discursiva com a finalidade de criar o cómico, agindo por aí como dissolvente burlesco do discurso glosado, que assim perde a inocência original. Os livros deste poeta estão repletos de momentos paródicos, sendo o mais bombástico o dedicado ao discurso do milagre de Fátima e seus segredos, isto num ano em que um Papa veio de Roma lembrá-los, e o mais curioso deles o desvio dos tópicos pessoais heteronímicos.

Não hesitamos em avaliar as “par-ódias” a/de Ricardo Reis e

as variações sobre Campos como o hipertexto anterior do (anti) pessoano *Virgem Negra* de Cesariny. Se mais não houvesse – e muito há para lá deste pretexto que convoca o terrível Cesariny – bastava isto para se perceber a importância da obra poética do autor, que soube fazer do riso uma liberdade plena – ele que foi cotradutor da *Antologia do humor negro* organizada por A. Breton.

Como poeta Manuel João Gomes viveu escondido e protegido pela sombra e pelo silêncio da noite, exterior a tudo, não visto nem publicitado. Paramentou-se aí com o fantástico, o grotesco e o terror, que são nele as prerrogativas mesmas da provocação e do desafio, mas a exterioridade em que se protegeu, a noite em que se escondeu não lhe serviram de rebuço e esquecimento. Esteve sempre vigilante, a manobrar na margem os espelhos mágicos, onde a realidade luminosa duplicada perdia a virgindade natural e se tornava indesculpável. Dizem que este terráqueo era melancólico, mas essa, a melancolia, deve ser o inevitável contrapeso do grande cómico. Só sabe rir, quem é sério. JL



► Manuel João Gomes
OBRAS (VOLUME I)
Companhia das Ilhas, 160 pp.,
17euros

Francisco Duarte Mangas

Metáforas naturalistas



OS DIAS DA PROSA
Miguel Real

Francisco Duarte Mangas (FDM) publicou este ano um novo romance, *O Alfarrabista de Ponta Delgada*, decorrido nesta cidade açoriana, com pequenos prolongamentos nas ilhas do Pico e da Terceira.

Desde o seu primeiro romance *Diário de Link* (1993, Prémio Carlos de Oliveira), passando por *Geografia do Medo* (1997, Prémio Eixo Atlântico da Narrativa

Galaico-Portuguesa), passando pelo título do seu romance de 2017, *Jacarandá*, e por *A Cidade das Livrarias Mortas* (2020), mas igualmente no conto (*Pavese no Café Ceuta*, 2020, Prémio do Conto Camilo Castelo Branco), o universo literário de FDM é atravessado por dois grandes eixos temáticos: a *Natureza* e os *Livros*. No romance ora publicado, *O Alfarrabista de Ponta Delgada*, os dois eixos são cruzados e unificados.

Neste sentido, prolonga o seu estilo anterior, muito centrado em metáforas naturalistas, isto é, na criação de imagens que evocam a harmonia da natureza em contraste com o conflito e a malícia humanas. Metáforas naturalistas não no sentido místico e simbólico (cf. Elisa de Mira, *Semeando Estórias*. A metáfora “jardim” na tradição oral, 2007), mas num sentido antropológico, como o prática, por exemplo, Leonardo Boff (*A Águia e a Galinha: uma metáfora da condição humana*, 1997).

Com efeito, é na passagem do valor designativo da palavra, concreto, refe-

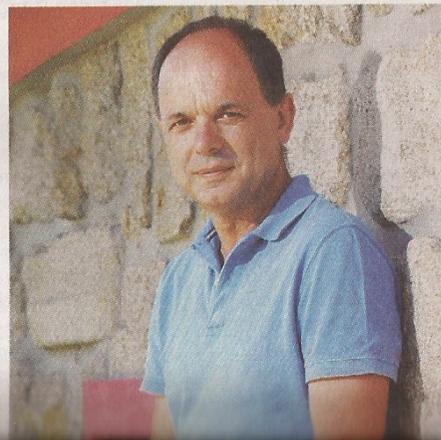
particular em Ponta Delgada, regista no seu diário: “Um jardim, só assim o concebo, é uma obra de arte, luminosa harmonia cuidada pela mão e pelo espírito” (p. 32). Assim fará aquele que é hoje conhecido pelo Jardim de Santana na mesma cidade.

O Alfarrabista de Ponta Delgada é um romance sereno, sem contínuos picos de ação, provocando intencionalmente o suspense no leitor, com elementos trágicos, mas sem se constituir como uma tragédia. Tudo acaba bem, a personagem que incarna o mal (o feitor Melo), acaba despedido, o elemento escandaloso (crianças pobres na apanha das laranjas, que indigna Brown, são redimidas com o fim natural dos laranjais por via de uma peste e a sua substituição pela nova cultura do chá). Permanece a pobreza, mesmo

a miséria, das populações, destino social dos Açores até ao 25 de

Abril, que obriga Miguel Laranjo a emigrar para os Estados Unidos da América. Brown, despedido por desentendimento com “o amo” e fruto das intrigas do feitor Melo, dá emprego no novo hotel ao filho mais velho de Laranjo. No romance, no diário de Brown, nenhuma personagem feminina ganha destaque. Em termos de ternura e afeto, é substituída pelo cão Prim (é, verdadeiramente, o elemento mais trágico do romance – merece que não lhe contemos a história para que o leitor a descubra).

Dois histórias percorrem *O Alfarrabista de Ponta Delgada*: uma, do século XIX a história de Brown; outra do século XXI, ao longo dos dois anos de Pandemia, a história de Laurinha, portuense, mas nascida em Busteliverne



ia é uma oção do olhar



Rubem Alves, em *Ostra feliz*, num texto que tituló "perturbado": "A poesia é a perturbação do olhar. O poeta vê o mundo desta lá. Para ele, as coisas são diferentes, abrem-se para outros mundos. Adélia Prado diz que Deus aparece quando a castiga, tirando-a da vida. Ela olha para uma pedra

Sacramento é uma presença na qual mora uma ausência. A única coisa que recebi de meu pai como herança foi um peso de papel de vidro esverdeado. Quando olho para o peso de papel não vejo peso de papel, insignificância. Vejo o rosto do meu pai."

Todos começamos por ser leitores (num sentido lato, não falo neste caso da leitura alfabetizada) incipientes e, por vezes, ao longo da vida, vamos crescendo enquanto leitores. É possível que a educação e o acesso à cultura nos ajudem, mas, se não houver nada de mais grave a impedir o nosso crescimento enquanto leitores, o próprio tempo fará algo por nós e pela nossa

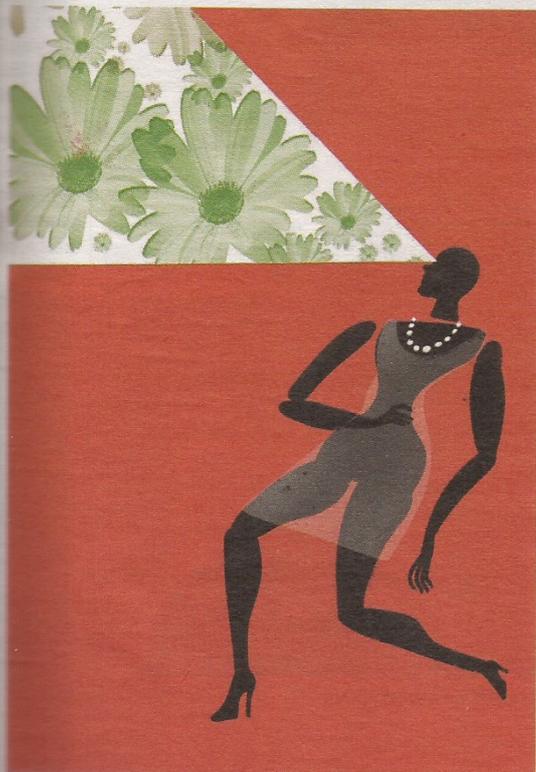
capacidade poética - talvez não com a mesma eficácia da cultura, mas com a paciência possível de uma árvore que cresce:

"Valéry escreveu um pequeno livro, de poucas páginas, intitulado *Diálogo da Árvore* (1943). Quando eu era estudante, li este livro sem ter então nenhum conhecimento particular sobre árvores, com a sensação de não entender o que escrevia aquele homem, sendo ele de letras e eu de ciências. Achei que não nos entenderíamos e não tirei qualquer proveito desse texto. Reli-o mais tarde e agora volto a ele com regularidade. Leio: 'A árvore deixa ver o seu tempo'. Para mim, estas palavras são profundas e poderosas. Poetas e escritores têm, por vezes, em campos que não são seus, (...) intuições deslumbrantes. 'A árvore deixa ver o seu tempo'. É isso mesmo, agora entendo o que ele quis dizer: uma árvore é o tempo tornado visível" (Francis Hallé, *La vida de los árboles*).

A árvore pode mostrar o seu tempo, mas Hallé não o conseguia ver, pois é preciso tempo para uma pessoa conseguir perceber o que a árvore sempre

exibiu, do mesmo modo que é preciso tempo para, como leitores, perceber o que o mundo mostra. E também vagar. Voltando a Rubem Alves, falando de Geórgia O'Keefe:

"Seus quadros são assombrosos! Porque seus olhos são assombrosos! 'Ninguém vê uma flor, realmente', ela observou certa vez. 'A flor é tão pequena... Não temos tempo e o ato de ver exige tempo, da mesma forma como ter um amigo exige tempo.' O ver, como fenómeno físico, acontece instantaneamente. Basta abrir os olhos... A luz toca a retina e a imagem



... os nossos olhos batem
... tijolos e tempo urbano.
... para um outro mundo,

alta de poesia deve
entendida de forma



PROPRIETÁRIA/EDITORIA: TRUST IN NEWS, UNIPessoal LDA.

SEDE: Rua da Fonte da Caspolima - Quinta da Fonte, Edifício Fernão de Magalhães, nº8, 2770-190 Paço de Arcos NIPC: 514674520

GERÊNCIA DA TRUST IN NEWS: Luís Delgado, Filipe Passadouro e Cláudia Serra Campos.

COMPOSIÇÃO DO CAPITAL DA ENTIDADE

PROPRIETÁRIA: 10.000,00 euros

PRINCIPAL ACIONISTA: Luís Delgado (100%)

PUBLISHER: Mafalda Anjos

JORNAL
DE LETRAS,
ARTES E
IDEIAS

JL

DIRETOR: José Carlos de Vasconcelos



REDATORES: Maria Leonor Nunes, Manuel Halpern, Luís Ricardo Duarte.
COLABORADORES PERMANENTES: Afonso Cruz, Agripina C. Vieira, A. C. Cortez, A. Mega Ferreira, Boaventura de Sousa Santos, Carlos Fiolhais, Carlos Reis, Daniel Tércio, Fernando Guimarães, Guilherme d'Oliveira Martins, Gonçalo M. Tavares, Helder Macedo, Helena Simões, J. Rego de Almeida, João Góberm, João Ramalho Santos, Lídia Jorge, Mª Emília Brederode Santos, Mª José Rau, Mª Augusta Gonçalves, Miguel Real, Nuno Júdice, Onésimo Teotónio Almeida, Paulo Guinote, Patrícia Portela, Sofia Soromenho, Tiago Patrício, Valter Hugo Mãe e Viriato Soromenho-Marques

OUTROS COLABORADORES: A. Laborinho Lúcio, A. Cândido Franco, A. Pedro Pita, A. Sampaio da Nóvoa, Ana Maria Bettencourt, Arnaldo Saraiva, B. Bénard-Guedes, C. Mendes de Sousa, Fernando J. B. Martinho, F. Pinto do Amaral, Gastão Cruz, Filinto Lima, E. Marçal Grilo, Graça Moraes, Hélia Correia, I. de Loyola Brandão, Inês Pedrosa, João Abel Manta, João Barreto, João Costa, J. A. Cardoso Bernardes, Jorge Fazenda Lourenço, Jorge Vaz de Carvalho, José Luís Peixoto, José Manuel Castanheira, José Manuel Mendes, José Reis, J. Gomes André, Leonor Xavier, Manuel Alegre, M. Frias Martins, Marcelo Duarte Mathias, Manuela Paraiso, Mª Alzira Seixo, Mª Fernanda Abreu, Mª Graciete Besse, Mª João Fernandes, Mª Helena Seródio, Mª Irene Ramalho, Mª Luísa R. Ferreira, Mário Avelar, Mário Cláudio, Mário de Carvalho, M. Vieira de Carvalho, M. Sanches Neto, Miguel Carvalho, Nélida Piñon, Norberto V. Cardoso, Ondjaki, Pilar del Rio, Ramón Villares, Ricardo Araújo Pereira, Rita Marnoto, R. Miguel Puga, Rui Vieira Nery, Salvato Teles de Menezes, Sérgio C. Sousa, Sérgio Rodrigues, Sofia Soromenho, Teolinda Gersão, Teresa Toldy e Tiago Rodrigues

PACINAÇÃO: Patrícia Pereira e Raquel Leal

SECRETÁRIA: Teresa Rodrigues

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO: Gesco

REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E SERVIÇOS COMERCIAIS: Rua da Fonte da Caspolima - Quinta da Fonte, Edifício Fernão de Magalhães, 8 2770-190 Paço de Arcos - Tel.: 218 705 000 Fax: 218 705 001 email: jl@jornaldeletras.pt

Delegação Norte: CEP - Escritórios, Rua Santos Pousada 441-sala 206/208, 4000-486 Porto - Telefone: 220 990 052

MARKETING: Marta Silva Carvalho (diretora) - mscarvalho@trustinnews.pt e Marta Pessanha (Gestora de Marca) - mpessanha@trustinnews.pt

PUBLICIDADE: Vânia Delgado (Diretora Comercial) vdelgado@trustinnews.pt; Maria João Costa (Diretora Coordenadora de Publicidade) mjcosta@trustinnews.pt; Mariana Jesus (Gestora de Marca) mjesus@trustinnews.pt; Mónica Ferreira (Gestora de Marcas) mferreira@trustinnews.pt; Rita Roseiro (Gestora de Marca) - rroseiro@trustinnews.pt; Elisabete Anacleto (Assistente Comercial) eanacleto@visao.pt; Flórbela Figueiras (Assistente Comercial) ffigueiras@visao.pt; DELEGACÃO PORTO: Margarida Vasconcelos (Gestora de Marca) mvasconcelos@trustinnews.pt

BRANDED CONTENT: Rita Ibérico Nogueira (Directora) rnogueira@trustinnews.pt

TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO: João Mendes (Diretor)

Telf Lisboa - 21 870 5000

Telf. Porto - 22 099 0052

PRODUÇÃO E CIRCULAÇÃO: Vasco Fernandez (Diretor); Pedro Guilhermino (Coordenador de Produção); Nuno Carvalho, Nuno Gonçalves e Paulo Duarte (Produtores); Isabel Anton (Coordenadora de Circulação)

ASSINATURAS: Helena Matoso (Coordenadora de Assinaturas)

SERVIÇO DE APOIO AO ASSINANTE: Tel.: 21 870 50 50 (Dias úteis das 9h às 19h); apoiocliente@trustinnews.pt

IMPRESSÃO: Lisgráfica - Estrada de São Marcos Nº 27 - S. Marcos - 2735-521 Cacém. Distribuição: VASP MLP, Media Logistics Park, Quinta do Grajal, Venda Seca, 2739-511 Aqualva-Cacém Tel.: 214 337 000. Pontos de Venda: contactcenter@vasp.pt - Tel.: 808 206 545, Fax: 808 206 133

TIRAGEM MÉDIA: 7 100 exemplares

Registo na ERC com o nº 107 766

Depósito Legal nº 127961/98 - ISSN nº 0872-3540

Estatuto editorial disponível em www.visao.sapo.pt/informacaopermanente

A Trust in News não é responsável pelo conteúdo dos anúncios nem pela exatidão das características e propriedade dos produtos e/ou bens anunciados. A respetiva veracidade e conformidade com a realidade, são da integral e exclusiva responsabilidade dos anunciantes e agências ou empresas publicitárias. Interditada a reprodução, mesmo parcial de textos, fotografias ou ilustrações sob qualquer meios, e para quaisquer fins, inclusive comerciais.

